

O PAI APAIXONADO

Philip Yancey

Uma jovem cresceu em meio a uma plantação de cerejas ao norte de Traverse City, Michigan. Seus pais não aceitavam seu piercing no nariz, as músicas que ela escutava e o comprimento de suas saias. Algumas vezes, eles a repreendiam, e a menina ficava muito nervosa.

- Odeio vocês! - gritou quando o pai bateu à porta de seu quarto logo após uma discussão.

Naquela noite, resolveu executar um plano que, muitas vezes, havia mentalmente ensaiado: fugiu de casa.

Visitara Detroit só uma vez, em uma viagem de ônibus com os jovens da igreja, para assistir ao jogo dos Tigers. Os jornais de Traverse City sempre traziam reportagens assustadoras a respeito das gangues, das drogas e da violência no centro de Detroit por isso, concluiu que esse seria o último lugar em que os pais procurariam por ela. Na Califórnia sim, ou talvez na Flórida, mas nunca em Detroit.

Em seu segundo dia em Detroit, conheceu um homem que dirigia o maior carro que ela já vira. Ele lhe ofereceu uma carona, pagou o almoço para ela e arrumou um lugar onde pudesse ficar.

Deu a ela alguns comprimidos que a fizeram sentir-se tão bem como nunca antes.

Estava no caminho certo, concluiu: os pais é que não a deixavam divertir-se.

A boa vida continuou por um mês, dois meses, um ano. O homem com o carrão - ela o chamava de "chefe" - ensinou-lhe algumas coisas de que os homens gostavam. Por ser menor de idade, os homens pagavam muito bem por ela. Ela morava em uma cobertura e tinha à sua disposição o serviço de quarto. De vez em quando, pensava na família, mas eles pareciam ter uma vida tão entediante e provinciana que ela mal podia acreditar que tinha crescido em tal lugar.

Assustou-se ao ver sua foto estampada em uma embalagem de leite com os dizeres: "Você viu esta criança?" Agora, com o cabelo tingido de loiro, usando grande quantidade de maquiagem e de piercing pelo corpo, ninguém a confundiria com uma criança. Além do mais, a maioria de seus amigos havia fugido de casa e, em Detroit, ninguém costumava ser delator.

Depois de um ano, os primeiros sinais de palidez da doença apareceram, e ela ficou chocada com a mudança súbita de atitude do chefe:

- Nos dias de hoje, não dá para manter gente à toa... - ele resmungou.

E, antes que se desse conta do que estava acontecendo, já estava na rua, sem um centavo sequer. Ainda conseguiu alguns "trabalhos" à noite, mas não ganhava muito, e todo o dinheiro era gasto com seu vício.

O inverno chegou, e ela se viu dormindo na rua, encostada nas portas de metal do lado de fora das lojas. "Dormindo" não é bem o termo - uma adolescente sozinha, à noite, no centro de Detroit, nunca pode baixar a guarda. Suas olheiras aumentaram, e sua tosse piorou.

Em uma noite, ainda estava acordada e atenta ao que se passava a seu redor quando, de repente, tudo em sua vida pareceu diferente. Não se sentia como uma mulher do mundo, mas sim como uma garotinha perdida em uma cidade fria e assustadora.

Começou a chorar. Seus bolsos estavam vazios, e ela se sentia faminta. Precisava da droga.

Encolheu as pernas, tremendo debaixo do jornal que usava como cobertor. Uma lembrança, uma simples imagem, encheu sua mente: o mês de maio em Traverse City, quando milhares de cerejeiras floresciam ao mesmo tempo e seu cão de caça corria por entre as fileiras das árvores em flor, à procura da bolinha de tênis que ela atirava.

Deus, por que fugi?, disse a si mesma com uma dor que feria seu coração como uma punhalada. Meu cachorro, lá em casa, come melhor do que eu... soluçava ela, sabendo que o que mais queria no mundo era voltar para casa.

Três telefonemas, todos atendidos pela secretária eletrônica.

Nas duas primeiras vezes, desligou sem deixar uma mensagem; na terceira, disse:

- Papai, mamãe, sou eu. Estava pensando em voltar para casa. Vou pegar o ônibus e chegarei aí por volta da meia-noite de amanhã. Se vocês não estiverem esperando por mim, bem, acho que seguirei para o Canadá.

Eram sete horas de viagem, com paradas entre Detroit e Traverse City. Durante esse tempo, ela pôde perceber as falhas em seu plano. E se os pais estivessem fora da cidade e não tivessem ouvido a mensagem? Seria melhor ter esperado mais um dia até que conseguisse falar com eles? Se eles estivessem em casa, provavelmente já a consideravam morta há muito tempo. Deveria ter-lhes dado um tempo para se recuperar do choque.

Muitos pensamentos tomavam conta de sua mente, além da preocupação com o discurso que preparara para o pai: "Papai, sinto muito. Sei que estava errada. A culpa não é sua; é toda minha. Papai, pode me perdoar?" Ela dizia essas palavras consigo mesma sem parar, como se estivesse ensaiando. Há muitos anos, não se desculpava com ninguém.

O ônibus andava com as luzes acesas desde Bay City. Pequenos flocos de neve caíam no asfalto aquecido pelos milhares de pneus que ali rodavam, fazendo subir um vapor. Ela havia se esquecido de como as noites eram escuras ali. Um cervo cruzou a estrada, e o ônibus deu uma guinada, tentando desviar-se. De vez em quando, via-se um outdoor na estrada. Uma placa indicava quantos quilômetros faltavam até Traverse City. Oh, DEUS!

Quando o ônibus, finalmente, entrou na estação rodoviária, os freios a ar assobiaram em protesto, e o motorista anunciou no microfone:

- Quinze minutos, pessoal. É todo o tempo que permaneceremos aqui.

Quinze minutos para decidir a vida.

Ela se olhou no espelho de bolsa, penteou o cabelo e limpou o dente manchado de batom. Olhou para as manchas de nicotina nas pontas dos dedos e imaginou se os pais notariam. Se eles estivessem ali...

Desceu no terminal sem saber o que esperar. De milhares de cenas que imaginou, nenhuma se comparava ao que a aguardava.

Ali, naquele terminal rodoviário de paredes de concreto e cadeiras plásticas, em Traverse City, Michigan, estava um grupo de 40 irmãos e irmãs, tios e tias, primos, uma avó e uma bisavó para recepcioná-la. Todos usavam chapeuzinhos de festa e as sopravam apitos. Ocupando toda a parede do terminal, havia uma faixa feita em computador na qual se lia: "Bem-vinda ao lar!" Da multidão que a esperava, surge o pai. Por entre lágrimas, ela o olha e começa o discurso preparado:

- Papai, sinto muito. Eu sei...

Ele a interrompe:

- Psiu, filha. Não temos tempo para isso. Não temos tempo para desculpas. Você vai se atrasar para a festa. Há um banquete esperando por você lá em casa.